



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 10, número 4, nov.-dez. 2021

PONTOS DE CONTATO FIGURAL ENTRE A NARRATIVA DE JOSÉ GERALDO VIEIRA, NA OBRA *A LADEIRA DA MEMÓRIA* (1950), E A PROBLEMÁTICA DA SEGUNDA GRANDE GUERRA



POINTS OF FIGURAL CONTACT BETWEEN JOSÉ GERALDO VIEIRA'S NARRATIVE, IN THE WORK *A LADEIRA DA MEMORIA* (1950), AND THE PROBLEM OF THE SECOND GREAT WAR

Yasmin Maria GALINDO
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Amanda Karoline COSTA
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AS AUTORAS
RECEBIDO EM 30/06/2021 • APROVADO EM 06/12/2021
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i4.3616>

Resumo

Este trabalho preocupa-se em tecer pontos de contato entre a narrativa da obra *A Ladeira da Memória* (1977 [1950]) com as figuras evocadas pelo plano de fundo temporal e espacial aludidos, a Segunda Grande Guerra e o *locus* no qual as personagens transitam. Preocupa-nos, neste trabalho, também, o embate entre o sentimento particular da

personagem principal, Jorge, versus o sentimento do mundo trazidos à tona em seu romance com a personagem Renata; de tal maneira, buscamos investigar como os contatos entre experiência pessoal e experiência coletiva são tratados na ficção de José Geraldo Vieira, nesta que é a obra mais conhecida do autor brasileiro. Baseamo-nos, sobretudo, no aporte teórico de Erich Auerbach (1977) ao investigarmos como as recorrentes figuras costumam as tensões da narrativa; e, também, na teoria do romance, com foco na problemática do herói moderno de Georg Lukács (2000).

Abstract

This work is concerned with weaving points of contact between the narrative of the work *A Ladeira da Memória* (1977 [1950]) with the figures evoked by the aforementioned temporal and spatial background, the Second World War and the locus in which the characters transit. In this work, we are also concerned about the clash between the particular feeling of the main character, Jorge, versus the feeling of the world brought to light in his romance with the character Renata; in this way, we seek to investigate how the contacts between personal experience and collective experience are treated in José Geraldo Vieira's fiction, in what is the best known work of the Brazilian author. We base ourselves, above all, on the theoretical contribution of Erich Auerbach (1977) when we investigate how the recurrent figures stitch together the tensions of the narrative; and, also, in the theory of the novel, focusing on Georg Lukács's (2000) problematic of the modern hero.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Teoria Literária. Figura. José Geraldo Vieira. Segunda Guerra Mundial. Memória.

Keywords: Literary Theory. Figure. José Geraldo Vieira. Second World War. Memory.

Texto integral

Introdução

José Geraldo Vieira, escritor nascido no Rio de Janeiro, no ano de 1897 (e falecido em São Paulo em 1977), é responsável por parte importante da Literatura produzida na década de 1930, destacando-se, majoritariamente, pelo recorte cosmopolita que imprime em suas obras. Essa marca, a propósito, rendeu-lhe certo afastamento do cânone da época, cujo enfoque prioriza os dramas proletários. Na atualidade, sua produção literária encontra-se, injustamente, em quase total esquecimento. Conhecedor profundo do mundo no qual suas narrativas transitavam ficcionalmente – pois o conheceu e integrou –, Vieira buscava na conjuntura real o esqueleto histórico para a construção de seus romances, podendo mesmo causar no leitor dileitante a sensação de se tratar da leitura de autobiografias. A problemática das produções de Vieira situa-se, essencialmente, no caráter trágico e instável da existência humana em face da realidade.

A Ladeira da Memória traça um retrato não só de uma relação afetiva, mas também de toda uma sociedade brasileira (num sentido cosmopolita) da década de 1940. Há uma nota nacionalista, com a figura de traços nortistas de Renata, ainda que esta se mostre essencialmente burguesa; revela-se, ainda, o embate entre

costumes nacionais e hábitos europeus, presentes principalmente na escolha das referências artísticas que permeiam a obra. Nas palavras de Bosi (1994, p. 411),

[...] a posição de José Geraldo Vieira em nossa literatura é, assim, marginal. Sem dúvida é mais fácil opô-lo aos regionalistas que situa-lo pacificamente entre os intimistas como Lúcio Cardoso e Cornélio Penna. Porque há nele, além de tomadas introspectivas, uma ambição, nem sempre realizada, mas aguilhoante, de revolucionar a estrutura do gênero romance entre nós, e fazê-la surpreendente como um painel impressionista e cubista, para tanto, joga com os planos da realidade presente e do passado e arma símbolos que os unifiquem.

De tal forma, pontua-se, de antemão, que se faz preciso despir-se de preconceitos ante a sociedade cosmopolita que a obra encerra, pois se trata do universo experienciado diretamente por José Geraldo Vieira, que emerge na narrativa a fim de destacar da realidade burguesa problemáticas mais densas da experiência humana. A prosa de Vieira faz uso culto da língua, que prevalece nas falas de seus personagens, que se apoderam de um arcabouço extenso de conhecimento literário e de quantidades expressivas de termos técnicos (da Medicina, sobretudo). Nesse sentido, a leitura requer certa argúcia do leitor, pois conduz a um compilado de informações que, em vez de facilitarem o entendimento da leitura, talvez o torne mais ainda turvo, característica que acentua a estética em espiral da obra. Ainda nesse sentido, trata-se de uma obra cuja escrita e maneira de conduzir o leitor ao ponto chave dos acontecimentos é aliciante. Vieira integra considerável parcela de sua bagagem literária ao romance, fazendo-o com maestria, como poucos contemporâneos seus e até sucessores souberam fazer.

Assevera-se, ainda, que esta produção destaca a importância de se preservar a memória literária; assim, propõe-se, neste artigo, a leitura crítica do romance *A Ladeira da Memória*, publicado no ano de 1950. Parafraseando Garcia (2003), trata-se de uma obra que realça aspectos líricos e trágicos do amor não plenamente consumado – por isso, platônico – entre Renata e Jorge, no decorrer de oito anos de suas vidas. O retrato temporal da obra compreende os anos de tensão em que o mundo se encontrava mergulhado nos horrores da Segunda Guerra Mundial. A trama se desenrola a partir de uma viagem de trem que Jorge, personagem central da obra, faz com seu tio Rangel, na qual o médico é arrebatado por memórias que remontam seu envolvimento com Renata; desde então, o leitor é introduzido em um espiral epifânico de vivências ao decorrer da narrativa. Como proposta de análise, optou-se por partir do comentário a trechos-chaves do romance – dentro do regime do *Ansatzpunkt* auerbachiano, ou ponto de partida para a análise –, capazes de oferecer uma visão panorâmica das principais facetas da obra aqui estudada, bem como, por extensão, do mundo figurado ficcionalmente.¹

¹ Cumpre assinalar que a extensão de algumas citações do romance se deve a dois fatores que se consideram essenciais para a composição (e para o entendimento) da obra de Vieira: (1) a riqueza do manancial a que ele recorre – e que emprega na obra –, em suas funções e implicações; (2) a rede de articulações elaborada pela voz do narrador, condição que torna importante toda informação em seu potencial de figuração da realidade.

2 Na ladeira da memória

A obra de José Geraldo Vieira trabalha numa chave existencial-memorialística, fazendo coro à estética popularizada por Proust em *Em busca do Tempo Perdido* (1913-1927), se este abre seu universo a partir de uma madeleine, Vieira abre seu universo de memória aproveitando o *locus* por onde transitam os personagens; o leitor é inserido num caleidoscópio de nostalgia que abre dois caminhos de passado: a vida de Jorge e a vida do mundo na época da retomada existencial sofrida pelo personagem. Assim sendo, a obra executa um duplo movimento, um ficcional e um historiográfico, ambos mesclando-se na experiência literária evocada pelo enredo.

A primeira passagem a se apreciar dá conta da conversação entre as personagens Jorge e seu tio Rangel, em que o segundo rememora um passado imediato e um remoto – o da vivência em juventude e o da recuperação dessa vivência no presente degradado trazido pela figura de sua esposa e da visitação a um *locus* outrora opulento.

[...] percebi o seguinte paradoxo: estando minha mulher vestida agora com um vestido imitação do vestido do casamento civil, não era ela, sexagenária, que estava feia e sim o vestido apenas, pelo fato de ser um modelo antiquíssimo. Mesmo a beleza anacrônica, meu caro Jorge, está sujeita a tais injunções. Aquele vestido... Aquelas luvas até acima dos cotovelos... O camafeu florentino na linha biclavicular... O semblante de minha mulher me sorrindo, um semblante que se baralhou, que sofreu transmutações sem todavia deixar de continuar essencial, um semblante não de agora, mas de cinquenta anos antes... Ah! Subindo a Ladeira da Memória eu via a Maria Clara de cinquenta anos antes! Então me sobreveio um estado de êxtase, uma emoção não sentida desde muito. Instantaneamente me dei conta mais uma vez do que ela tinha sido e era para mim, da sua inteligência, da sua perspicácia, da sua vivacidade. Alisei-lhe os dedos pousados na manga do meu sobretudo, sorri-lhe com gratidão, olhamos os dois para aquela rampa plebeia, para as grandes árvores por cujos troncos subiam heras, para o obelisco de cantaria de mestre Vicente, para o frontão de azulejos, para o lago, para aquela gente vária que subia e descia. E foi como se meio século antes estivéssemos indo, depois duma saída de teatro, para o casarão do coronel Valéria pouco antes da Rua do Paredão. Subindo a Ladeira da Memória recuperei o passado, me rendi submisso a quaisquer vontades – como sempre – de Maria Clara. Quis dizer e disse de forma a ela ouvir bem: “Louvado seja Deus que nos fez tão felizes, tão amigos um do outro, que nos outorgou filhos e netos... És a Maria Clara de sempre, lembro-me de ti outrora através do semblante que tens agora e me olhas com o teu semblante de antigamente. E tudo, em vez de baralhar-se fica nítido. Mesmo a evocação não é um esforço e sim uma oferta; e o tempo não tem passado nem presente e nem futuro pois é e está simultâneo...” Ah, meu caro Jorge, saber subir

a Ladeira da Memória é repetir o prodígio do Tabor. (VIEIRA, 1977, p. 53).

O espaço caracterizado, conforme se insinuou, pertence ao passado de um dos personagens da trama, tio Rangel; é constituído, no geral, pelo casarão em que o ancião e sua esposa passaram muitos anos em seus tempos de mocidade – era a casa de Maria Clara. No presente, o local se encontra povoado por tipos populares que se distanciam em tudo da realidade experimentada pelas personagens protagonistas. O acesso ao ambiente é feito por meio da retomada de memória que o contato com o casarão desperta em Rangel. Com as nuances simbolistas aludidas pelo texto, o leitor é absorvido pela experimentação de cada detalhe do lugar, detalhes esses que funcionam como ponte entre o passado, com a mocidade e o amor juvenil experienciados pelo casal Maria Clara e Rangel, e o presente, o aniversário de cinquenta anos de casados como casal vivido e longamente conhecidos um do outro pelo costume da convivência.

Eis aqui um elemento capital para o entendimento da obra: todo o enredo orbita em volta da figura que o casarão situado, não arbitrariamente, na Ladeira da Memória, traz para o desenrolar das experiências nostálgicas vivenciadas posteriormente por Jorge. Segundo Auerbach (1997), a figura indica a representação concreta de algo que vai se realizar no futuro. A figura é, então, algo real e histórico que anuncia outra coisa que também é histórica e real. Pode-se, assim, associar essa definição ao período iniciado por “És a Maria Clara de sempre...”, uma vez que, manifestamente, os planos temporais se associam no campo experiencial das personagens.

A experiência de adentrar na localidade em que se desenrola a cena faz com que a realidade vivenciada no presente remonte a sensações anteriores. Num primeiro momento, o casarão é desmistificado pela presença dos tipos populares que agora o habitam; mas se perde totalmente essa informação que assinala o presente na retomada memorial que a personagem realiza: o casarão volta a ser o próprio de cinquenta anos antes. Segundo, tem-se a menção à figura primeira de Maria Clara, que é revivida pela representação presente desta mesma Maria Clara cinquenta anos depois. Passado e presente, então, mesclam-se, resultando, assim, num impacto no tempo decorrente. Ao subir a Ladeira da Memória, Rangel encontra-se com impressões antes sepultadas; fica clara, aqui, a palavra de ordem para seu jovem sobrinho – e, por desdobramento, o norte de toda a obra –: é preciso visitar o passado para pôr em ordem o presente.

Com a figura auerbachiana do casarão e da Ladeira da Memória já instituída, é apresentada, num ato contínuo, outra realização da mesma figura, conforme o trecho abaixo:

Cruzo as pernas, encolho-me, aspiro e devolvo baforadas, sinto calafrios, fecho mais as mãos dentro dos bolsos, procuro resguardar o pescoço e as orelhas na gola da capa e fecho os olhos inúteis. Percebo, porém, qualquer coisa difusa, daí a minutos. Escancaro as pálpebras, vejo uma nesga de céu estrelado, nuvens se abrindo, uma grande lua! Bato o cachimbo até esvaziá-lo, fico

em pé, desentorpeço-me, olho em volta, vejo a paisagem noturna mas real. E por sobre ela avança o primeiro arco da 'ladeira da memória' que, como um viaduto, enquanto começo a subir, vai colocando suas pilastras de centopeia. (VIEIRA, 1977, p. 80).

O trecho trata da introdução de Jorge na sua aventura de revisitar o passado. A personagem parte em busca de uma localidade em que passou a maior parte do tempo próximo do amor de sua vida, Renata. Após a morte prematura da amada, Jorge passa por hiatos existenciais que resultam na decisão de refazer sua lembrança mais bonita de Renata, como em uma cura para o luto. A relação figural, assim, é instituída em dois momentos: num primeiro, é a ideia de luto que é trabalhada. Anteriormente ao trecho citado acima, Jorge se encontra em total escuridão, o que, simbolicamente, pode-se associar ao luto experimentado desde o findar da vida de sua amada. Já aqui aparecem indícios da quebra desse luto, na passagem iniciada por "vejo uma nesga de céu estrelado [...]" A escuridão se dissipa a partir do momento em que a personagem decide se alçar nas entranhas de seu passado, como uma quebra de um pacto de silêncio. Num segundo momento, a figura é a mesma do exemplo anterior – "e por sobre ela avança o primeiro arco da 'ladeira da memória' que, como um viaduto, enquanto começo a subir, vai colocando suas pilastras de centopeia". Agora, a relação figural migra da vida de seu tio Rangel e adentra em sua própria vivência. Abre-se a Ladeira da Memória do próprio Jorge; não mais numa conjuntura física, não mais se trata de uma rua íngreme, mas do caminho que ele deve percorrer para que seu presente seja realizado plenamente.

3 A Segunda Grande Guerra como marcador figural

As desventuras vividas por Jorge em sua vida particular estão inseridas num contexto mais amplo da situação mundial. A narrativa compreende o círculo temporal dos anos de 1934, 1936, 1938, 1940, 1942, 1943, 1944 e 1946; por conseguinte, engloba as tensões vividas pela humanidade anteriormente, no decorrer e na sequência da Segunda Guerra Mundial. Há um espelhamento entre a situação da Guerra e o avanço nocivo do mal que vitimou Renata. A piora do quadro clínico da personagem acompanha fatos históricos situados temporalmente no desenvolvimento da guerra. Um exemplo é o de a piora de Renata coincidir com o recorte da guerra em que a Alemanha alcança vitórias e a sua morte corresponder, temporalmente, com a queda da França.

Há ainda, na obra, a problemática constante do homem íntimo em face do mundo em que é inserido no tempo. A morte da amada é posta sempre no mesmo patamar de tragédia que é a Guerra; nota-se isso, a título de ilustração, nesta passagem: "Dois anos: dois séculos num campo de concentração. E agora, mais seis meses. Renata curar-se-ia antes do mundo?!" (VIEIRA, 1977, p. 217). As personagens centrais, Jorge e Renata, é necessário pontuar, eram impedidas de viver a plenitude de seus sentimentos amorosos lado a lado em decorrência de a mulher, ainda que fosse constantemente submetida às ausências de seu marido,

ser casada. Contribui para esse desencontro a condição feminina no Brasil da década de 1940, que implicava submissão à condição doméstica.

Com a descoberta da tuberculose de Renata, seu marido retorna ao leito familiar e mostra-se cada vez mais próximo, impossibilitando qualquer tipo de contato entre os amantes. Jorge sai da cidade do Rio de Janeiro para que a distância atenuasse a sua dor e amenizasse a agonia de Renata em não poder vê-lo. Estabelece-se, aqui, a relação figural do exílio exposta há pouco. Hacrerá (figuração ficcional de Marília-SP), cidade destino de Jorge após sair do Rio, faz as vezes de campo de concentração particular do médico. O paralelismo existente entre a Guerra e a situação de Renata e a impotência de Jorge diante de tal conjuntura é exposto no trecho a seguir:

Que dias! O rádio a bradar mais derrotas. A Itália declara guerra, concorrendo para ódio maior. A transferência do governo francês para Tours provoca o desânimo sintomático do colapso. Mas que tinha eu com isso? Que me importava a mim isso, se na manhã do dia 5 o exame de escarro dava “presença de bacilos álcool-ácido-resistentes”!? Se passei um dia horrível, imaginando-a no consultório médico, sendo examinada, sofrendo a gradual impregnação da certeza duma realidade cruel? Se na tarde e na noite de 6, e nas manhãs, tardes e noites de 7, 8 e 9 sua voz inesquecível me contava os pormenores, as providências, a instalação da piesoterapia, o regime a ser seguido?! Se na manhã de 10 sua voz tinha um timbre de desolação máxima porque alta noite chegara um telegrama da Western avisando a partida... daquela pessoa? Se na manhã e na noite de 12 e 13, todas as vezes que telefonei atendiam criadas, parentes, tia Noêmia ou então ‘uma certa voz’? No dia 14, ao meio-dia, me telefonou mas não ao som do Largo de Haendel, dizendo: – Jorge? Atenção. Um minuto só, muito rápido. Estou bem. Atmosfera de nervosismo e desespero aqui por parte daquela pessoa que chegou. Compreendi que já telefonaste ontem à noite e hoje de manhã. Disfarça a voz o mais que puderes, não desligues silenciosamente, pois urge não agravar isto aqui com o que já denominaram de “estranhezas...” Chama pessoas de nomes diversos cada vez; pergunta por números bem diferentes; enfim... entendes, não é? Depois do pneu instalado, isto é, após a quarta ou a quinta aplicação, devo ir para Petrópolis, passando então a fazer insuflações quinzenais. Telefonarei sempre que tiver ensejo. Caso, por circunstâncias eventuais, eu espase as notícias, telefona, chamando tia Noêmia. Ela estará sempre comigo em Petrópolis. Arranjarei modos disso parecer normal. Vou pensar e depois combinamos. Adeus. Não posso prosseguir. Dias medonhos de semana tétrica! Eu a sair do consultório para comprar jornais! A lê-los esbarrando em transeuntes e postes, a subir, a aguardar telefonemas, a ir para casa pensando em Renata enquanto meus olhos pasmavam para os títulos e as notícias da derrota catastrófica de Forgeles-Eaux, lendo (sem entender direito) as providências de Héring e de Dentz para a defesa da França, sofrendo agudamente com a confusão na

minha alma, seguindo por entre a multidão como um foragido pelas estradas de Chalonsobre-o-Marne. (VIEIRA, 1977, p. 168).

Os conflitos da existência humana, em Jorge, mesclam-se cada vez mais profundamente com o marchar da guerra. O “herói” de Vieira estabelece traços que o caracterizam como o herói problemático conforme entendido por Georg Lukács, quando em: “A mentalidade do romance é a virilidade madura, e a estrutura característica de sua matéria é seu modo descontínuo, o hiato entre interioridade e aventura.” (LUKÁCS, 2000, p. 86.); de tal modo, o médico realiza ações a partir do exercício de seu pensamento (embora seja causada a sensação de ser-se espectador de um monólogo interior entre o Jorge passado envolvido no círculo relacional de Renata e o Jorge *post mortem* da amada). É essa a descontinuidade experimentada por Jorge no decorrer de sua vivência retratada na trama, o conflito homem x mundo (interioridade x aventura) é sempre estabelecido e destaca-se como a marca principal do romance de Vieira, que dá voz aos dramas de um homem contemporâneo a uma guerra; mas, sobretudo, contemporâneo a si mesmo. No trecho a seguir, expõe-se a fusão entre os sentimentos oriundos da sentimentalidade particular e o sentimento do homem social:

Eu, por mim, só consigo dormir depois de Duartina, pois levei horas absorto em considerações, numa espécie de revisão geral do tempo. Três anos e meio! Quanta coisa surpreendente, quantas diferenças, alterações, sofrimentos, ânsias, pasmos, marasmos, atordoamentos e tarefas! Que baralhada no meu espírito! Copacabana, Ipanema, Avenida Niemeyer, Barra da Tijuca, Paineiras, Paquetá, Petrópolis, São Cosme, Caduceu, cinemas, livros, telefonemas, passeios, música, poesia, cerimônia, intimidade, Munique, Dantzig, Memel, invasões, derrotas, bombardeios, paroxismos, confusões, pânicos, rádio, jornais, golpes de Estado, direitas, esquerdas, aviação, estados-maiores, mapas, congressos, Polônia, Noruega, Holanda, Bélgica, França, Líbia, Extremo Oriente, Stukas, Messerschmitts, Spitfires, Fortalezas Voadoras, comandos, blackout, make up, insânia, delírio, contrafação, loucura, radiografia de pulmões, caverna, tia Noêmia, o doutor Alípio, Congonhas, Santos Dumont, Nuremberg, Estalingrado, Midway, espaço vital, sudetos, judeus, campos de concentração, Downingstreet, Wilhelmstrasse, Krêmlin, Casa Branca, Von Brauchitsch, De Gaulle, Wavell, Giraud, Darlan, Rommel, Tojo, Hacrerá, Casa de Saúde, Eisenhower, Nimitz, Montgomery... Sonho baralhadamente, ou penso sem nexos cronológico, feito fogueira fumegando enquanto lhe botam água? Três anos e meio! Modificação total na minha vida! Fuga e exílio, desterro e trabalhos forçados a mil quilômetros de distância de onde antes fui disponibilidade e gratuidade! (VIEIRA, 1977, p. 231).

Vale voltar-se, agora, para o momento final da peregrinação interior de Jorge, quando encontra a localidade que se dispôs a visitar em busca de

sensações passadas que lhe trouxessem o espectro da companhia de Renata: a Fazenda Camapuã. Há um salto temporal que se caracteriza pela saída de Jorge do plano memorial e a entrada no real presente; esse salto ocorre no exato momento em que ele visualiza a Fazenda e percebe que nada ali é como instituído em sua memória: o tempo havia, realmente, passado. O alvorecer acompanha a chegada de Jorge à localidade. Diferentemente da treva do início do livro, agora, estabelece-se a relação figural entre o amanhecer e a superação de sua tragédia amorosa. As duas realidades, passada e presente, encontram-se finalmente no topo da Ladeira da Memória, num elo expresso no resumo que a personagem faz de sua trajetória:

Camapuã, pequena plataforma na serra, onde antes fui feliz! Enquanto volto a ti, porque ferido, evoco a mocidade, o amor, o exílio, a guerra, a morte, a paz e a superação. Sou um vencido cheio de dignidade. E agora a manhã me alforria do delírio difuso, me liberta da estrada por onde rastejei metamorfoseado em caramujo, e me concede a graça de ser homem outra vez, com o rosto banhado de orvalho, um pobre passageiro que saltou em Itatiaia, tentou subir a serra em plena treva, que por fim se aproveitou da misericórdia da lua e subiu a sua ladeira da memória, e parou, com o coração quase na boca, os sentidos quase deiscendo, pois o que emerge é o arvoredo, a sebe, o telhado, a Fazenda Camapuã. Oh!!!” (VIEIRA, 1977, p. 321.).

Após a experiência epifânica, figurada pela manhã que o alforria, Jorge tece uma enumeração de imagens que compactuam com a ideia da liberdade do luto pessoal que pode, ainda, ser contraposto com a liberdade do mundo pós-Segunda Guerra. Assim sendo, o homem temporal, anteriormente cindido entre passado e futuro, metaforicamente metamorfoseado em caramujo, ideia que nos dá a impressão de uma prisão em casulo, de onde se sai diferente, mas carregando consigo o tempo que se empreendeu na transformação. Assim se finda a subida da Ladeira da Memória da personagem Jorge, fazendo as pazes com as figuras do passado e as acomodando em sua viagem para o futuro.

Considerações Finais

Finalmente, empreendem-se as últimas pontuações sobre a conciliação dos dois homens (do passado e do presente) que se instituem na obra. Nos diz Carone (1997, p. 8) que: “É essa hermenêutica que institui a relação entre duas realidades, pois aquilo que a ‘figura’ profetizava – sem deixar de ser o que era – alcança no final sua realização plena (*Erfüllung*)”, assim, a promessa inicial da Ladeira da Memória é resgatada e elucidada pela libertação do homem de seus anseios. A Ladeira não deixa de ser rua íngreme, mas assume representações diferentes na vida das personagens. Para Rangel, foi a redescoberta do amor adormecido pelo tempo por Maria Clara; para Jorge, o desprendimento de um passado doloroso e o início de um futuro desconhecido. É preciso subir a Ladeira da Memória, adentrar o casarão antigo e realinhar o passado para transfigurar o presente.

Transfiguração esta que se faz a custo de uma grande investigação pessoal, e é, também, neste sentido que a obra alude um de seus pontos fortes: a junção de todas as figuras aqui aludidas emerge como um meio para um fim – a chegada do *Erfüllung*. Como se, em *A Ladeira da Memória*, a própria treva da guerra fizesse parte do enleio pessoal vivido pelo drama amoroso de Jorge e Renata, personagens marcadas pelas tentativas de esperança e pelo fracasso da marca do pecado que cruza o enredo, assim, a presença da figura pesada da Segunda Grande Guerra e a figura sublime da Ladeira da Memória tensionam a realidade de Jorge de maneira tão proeminente a mesclar-se ele mesmo com os exilados da guerra ou ainda, como se sofrer o afastamento de Renata fosse seu próprio campo de trabalho forçado, exemplos salientados pelo mote historiográfico que o romance enseja e retoma figuralmente.

O recorte destacado, pelo romance, da vida de Jorge evidencia a costura entre “fora e dentro” da experiência humana. O luto da personagem principal [Jorge] – e até a retomada do amor por Maria Clara que tio Rangel ensaia nas primeiras páginas do romance – convergem para a experiência universalizante da quebra do trauma e do luto proporcionados pelo aniquilamento humano que se deu, fatalmente, na Segunda Grande Guerra. Junto a Renata – ela mesma sendo tratada como figura –, mesmo que no Brasil, morrem milhões de sujeitos universais, junto a Jorge, também de maneira figural, caminham todos os que sobraram no trilho de uma possível superação, todos sobem a Ladeira da Memória, para não esquecer, mas, ainda assim, transformar-se. Esse duplo movimento lança luz sobre a característica crucial do romance: a tensão realizada pelas figuras, representada na decorrência do enredo, faz emergir, assim, o herói moderno, aquele que experiencia a sua presença no mundo, porém, sem se alienar da sua presença em si mesmo, trazendo o real e o histórico da figura para a sua própria experiência de interioridade.

Referências

AUERBACH, Erich. *Figura*. São Paulo: Ática, 1997.

CARONE, Modesto. Um Roteiro do Conceito de Figura. In: AUERBACH, E. *Figura*. S. Paulo: Ática, 1997. p. 7-12.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

FERNANDES NETTO, Carlos Eduardo. Êxtase e Catástrofe na Ficção Ecumênica de José Geraldo Vieira. *UNAR*, Araras (SP), v. 1, n. 1, p. 26-36, 2007.

GARCIA, Maria Aparecida. *José Geraldo Vieira (1897-1977): fortuna crítica*. 2003. 247 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2003.

LUKÁCS, Georg. *A Teoria do Romance*. São Paulo: 34, 2000.

MARTINS, Ricardo André Ferreira. O Fardo da História, o Rastro e o Universo Burguês na obra de José Geraldo Vieira. *REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários*, Vitória, s. 2, ano 7, n. 9, 2011.

VIEIRA, José Geraldo. *A Ladeira da Memória*. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.

Para citar este artigo

GALINDO, Yasmin Maria; COSTA, Amanda Karoline. Pontos de contato figural entre a narrativa de José Geraldo Vieira, na obra *A ladeira da memória* (1950), e a problemática da Segunda Grande Guerra. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 4, p. 1535-1545, nov.-dez. 2021.

As autoras

Yasmin Maria Galindo é mestranda em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e graduada em Letras Português e Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Amanda Karoline Costa é graduada em Letras Português e Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).